

TRANSCRIÇÃO¹ DA AULA DO PROFESSOR LUIZ GONZAGA DE CARVALHO NETO FEITA NO DIA 25 DE MARÇO DE 2006.

INTRODUÇÃO METODOLÓGICA

“Professor: Hoje é 25 de março de 2006. Estamos aqui no apartamento do Gilberto Zancopé. Então é a primeira reunião e nós vamos delinear o que vamos fazer. Eu conversei com o Gilberto e o Ricardo. Eles sentiam uma lacuna depois da viagem do meu pai para os Estados Unidos. Eles se encontravam regularmente e discutiam uma variedade de assuntos. Eu iria ou esclarecer aqueles assuntos pessoalmente ou indicar alguma bibliografia, a qual vocês leriam e discutiriam comigo. Então a idéia seria fazer alguma coisa para compensar, pelo menos em parte, esta ausência. Eu perguntei a eles qual seria o tema de interesse do pessoal. E surgiram vários temas: um pouco de teoria política, um pouco de análise da situação política atual, um pouco de ética, religiões comparadas, etc. A diversidade dos temas não permite que eu faça um curso formal sobre algum assunto e desenvolva algo do começo ao fim. Certo? O que a gente pode fazer é tentar colocar todos estes temas dentro de um núcleo central. Este núcleo central, a gente pode desenvolver de modo mais ou menos sistemático e os outros esquemas, o que mais vocês quiserem saber ou lhe interessarem, vocês vão levantando e colocando-os aqui e a gente abre e desenvolve aquele tema se ele atrair a atenção de todos; esquece o tema que estava desenvolvendo antes e trata daquilo. Certo? E outros temas, a gente vai seguindo; a gente sugere: “isso aí, a gente vai ver depois” ou agente passa um filme ou um livro e depois a gente estuda aquele assunto. Está claro isso aí?

Não é possível desenvolver temas tão vastos, amplamente e de modo sistemático, ok? Mas a gente tem um pézinho na última aula de ética que meu pai deu na PUC, antes de viajar. Nesta aula, ele se propôs unir a origem humana das preocupações éticas. Ele fala: “toda atividade humana é dominada pela idéia de um

¹ Transcrição e títulos feitos por Carlos Eduardo de Carvalho Vargas em abril de 2006. Versão não revista pelo autor da aula.

melhor”. Tudo que você faz, você faz porque achou melhor fazer daquele jeito do que fazer de outro. Cada um de nós está sentado aqui e agora, por que acha que isso é melhor do que alguma outra coisa que ele poderia estar fazendo nesse mesmo momento. Quer dizer, como essa idéia do melhor é a raiz da atividade humana, essa idéia está presente em todas as ciências humanas. Portanto, se você quer entender ética, você tem que entender essa idéia do melhor; se você quer entender política, você precisa entender essa idéia do melhor; se você quer entender religião, você precisa entender essa idéia do melhor. Essa poderia ser uma maneira da gente começar. Por que uma ação humana é melhor do que outra?

[Dois alunos perguntam sobre essa delimitação do assunto feita pelo professor.]

A CONCEPÇÃO ANTROPOLÓGICA DOS ESCOLÁSTICOS

E depois a gente passa para outros assuntos. Para a gente entender essa idéia do melhor, a gente primeiro precisa entender a idéia de ser humano, que está necessariamente contido nessa idéia do melhor. A gente precisa ter uma idéia da estrutura que antecede a ação humana e que possibilita essa existencição humana. Está claro isso aí?

Esse assunto foi muito desenvolvido na Idade Média européia. Os escolásticos dedicaram vários tratados a esse tema. Então, a primeira coisa que a gente vai dizer é isso: o que é um ser humano? O que diferencia o ser humano das outras coisas que não são humanas? Está claro isso aí? Então a gente vai usar um método que eu sempre uso em grupos pequenos: eu pergunto o que é um ser humano e vocês começarão a listar notas acerca do ser humano. As notas são as primeiras coisas que a gente precisa para formular um conceito. Para captar o ser humano, a gente vai começar a notar o que a gente repara no ser humano. Está claro isso aí?

COLETANDO NOTAS SOBRE O SER HUMANO

A idéia destas reuniões é que a gente siga nelas um método que habitue cada uma dos que estão aqui à atividade da pesquisa autônoma; que crie em cada um de vocês hábitos que facilitem o hábito da pesquisa de qualquer assunto, que facilitem o hábito da arte dialética. Então, o método usado aqui será usado para que estes hábitos acabem ficando em vocês. Está claro isso aí? Então, vamos lá: o que vocês notam no ser humano?

Aluno: Racional.

Aluno: Livre arbítrio.

Professor: O que mais?

Aluno: História.

Professor: História; o que significa história quando combinado à idéia de indivíduo humano?

Aluno: Ele é histórico porque é o único dos animais que vive em uma ordem cultural.

Professor: Cultural, exatamente; isto é, o ser humano pode cultivar em si habilidades que não lhe são inatas. Os animais não. Toda geração de leões vai se comportar mais ou menos como a geração anterior.

Aluno: A consciência da própria morte, professor?

Professor: A consciência da própria morte! Quer dizer que o ser humano é capaz de perceber que em certo momento o mundo não estará diante dele e ele não estará mais diante do mundo.

Aluno: Capacidade de transcendência.

Aluno: Linguagem.

Professor: Que mais? Olha só, esse é um lado do ser humano, mas esse é só um lado do ser humano. De fato, é um lado que o diferencia dos animais. Mas isso é só metade do que é ser humano. Quase todas essas notas que vocês disseram são aplicadas aos anjos. O único traço aí que o anjo não tem é cultura, porque o anjo não morre. Não há uma geração de anjos anterior a ele à qual ele tenha que recuar.

Então, a cultura deriva por um lado da espiritualidade, mas, por outro, justamente da animalidade, de onde deriva da mortalidade. Está claro isso aí? Essas notas são suficientes para definir o que é o ser humano?

Aluno: Também precisa da parte animal da orgânica e bioquímica.

OS LIMITES ONTOLÓGICOS DADOS PELA DEFINIÇÃO

Professor: Definir significa delimitar uma idéia de modo que a gente saiba que o que está dentro daquele limite pertence àquela idéia. Certo? Então, por exemplo, quando eu digo ‘racional’. A palavra ‘racional’ tem uma intenção significativa que define um limite. Existem coisas racionais e coisas que não são racionais. Mas nesse limite não existe só o ser humano. Isso não é o suficiente para definir ser humano. Existe uma definição clássica do que é o ser humano, que nós podemos admitir: o ser humano é o ‘animal racional’. O homem é o ‘animal racional’. O que significa dizer que o homem é o animal racional? Isto significa que ele vive no mundo a partir da sua estrutura animal. Ele é capaz de entender o mundo a partir da sua estrutura animal. Quando o ser humano começa a vida, ele é minimamente racional. Não é isso? Você não tem a plenitude da racionalidade em um bebê recém-nascido. E você não tem a plenitude da racionalidade em muitos adultos também.

COLETANDO NOTAS SOBRE A ANIMALIDADE

Então vamos começar a entender. Para entender o que é o ser humano, você percebe que a racionalidade aparece no ser humano no meio da sua animalidade, aparece durante o processo da sua animalidade; ela não aparece antes de você nascer, nem depois. Ela aparece durante a sua existência biológica. A realidade é que ela aparece durante esse processo. Então, primeiro a gente tem que entender justamente a animalidade, em que consiste a animalidade. Então, vamos mudar o

nosso foco para o que é um animal. O que você nota em um animal que você não nota em nada mais?

[Alunos apresentam algumas notas dos animais.]

Professor: Ele [o animal] tem instinto de sobrevivência, ele tem desejo de preservar um negócio. Há uma coisa que lhe é agradável e que ele tem desejo de preservar. É algo a que ele está inclinado a preservar, de uma forma diferente dos vegetais e dos minerais. Os vegetais não operam por desejo, mas os animais operam. Mas para que haja desejo é preciso que haja uma outra coisa. O animal pode desejar algo que ele nunca percebeu, que ele nem sabe que existe?

Aluno: Não.

Professor: Então, eles nem podem desejar algo que eles não sabem que existe. antes que ele deseje é preciso uma outra coisa. Antes de desejar alguma coisa, eles têm que perceber o objeto de desejo. Não é isso? Se ele não perceber o objeto de desejo, não há desejo nenhum. Sem percepção não há objeto de desejo. Ele deseja o quê? Está claro isso aí? Como ele percebe o objeto de desejo? Em primeiro lugar, pelos sentidos. Todo e qualquer animal têm alguma espécie de sentido, sentido corporal. Todo animal é capaz de alguma sensação. Está claro isso aí?

OS SENTIDOS SENSORIAIS

Então vamos analisar os sentidos de que são capazes os animais da nossa espécie. A gente capta o mundo corpóreo por diversos sentidos. Então, vamos lá. Vocês é que listam. Vocês é que me dizem como é que a gente capta o mundo corpóreo. Quais são os sentidos?

Aluno: Visão, tato, olfato, paladar, audição.

Professor: Cinco sentidos. Agora, veja bem, o que é que a visão capta? A visão capta o amargo? É alguma coisa do mundo exterior. O amargo também é algo do mundo exterior, mas que não é captado pela visão.

Aluno: Cores, formas, ...

O ÓRGÃO DO SENTIDO COMUM NÃO É O CÉREBRO

Professor: Exatamente: cores, formas e o movimento. Não é isso? A visão é capaz de nos informar que existe entre o verde e o vermelho. É preciso algum outro sentido para captar a diferença entre o verde e o vermelho? Precisa de paladar? Não precisa. A audição pode, por exemplo, nos informar a diferença entre o agudo e o grave, mas também dos movimentos, da sucessão. O paladar pode, por exemplo, nos informar, por exemplo, a diferença entre o amargo e o doce. Mas qual é o sentido que nos informa a diferença entre, por exemplo, o verde e o amargo?

Aluno: O paladar.

Professor: É o paladar? Mas como o paladar sabe que existe verde? O paladar não capta verde. Ele não percebe o verde. Assim como há sentidos particulares, é preciso que haja outro sentido que é capaz de todos os objetos dos sentidos. Então essa é a primeira potência ou faculdade psíquica listada pelos escolásticos: o 'sentido comum'. Além dos cinco sentidos particulares, também há o sentido comum. E todos os animais são dotados do sentido comum, que permite a comparação entre o objetos de um sentido e os objetos de outro sentidos. Vamos deixar um pouquinho mais claro isso daí. Vamos lá! Você capta o verde e o vermelho por meio da visão. Existe um órgão, os olhos. Mas os olhos não captam o amargo. Quem capta o amargo é a língua. Quem capta o agudo é o ouvido E assim por diante. Se o olho não serve para, vamos dizer, ouvir o agudo ou captar o amargo, você deve ter uma outra potência que não está localizada na visão, mas que capte também o objeto da visão e os objetos dos outros órgãos. Essa potência não se localiza em nenhum dos órgãos dos sentidos particulares. Ou ela está em alguma outra parte do corpo e ela tem um instrumento em alguma parte do corpo ou ela está presente simultaneamente em todos os órgãos. Não é isso?

Aluno: É uma coordenação geral.

Professor: Exatamente! Ela faz uma coordenação geral. Todos aqui sabem

a diferença entre o doce e o azul. Ninguém nunca aqui confundiu o doce com o azul, acho que ninguém aqui faz essa confusão. Certo? Então é preciso ter uma potência que compare o que é percebido pelos olhos e pela língua. Não pode ser nem o olho, nem a língua. Está claro isso aí? Então, isso levanta o seguinte problema sobre a vida animal. Esse órgão que capta os objetos dos diversos sentidos particulares, ele é corporal ou espiritual? Ele é uma outra parte do corpo, como, por exemplo, o cérebro ou o coração ou o pulmão, ou ele é uma coisa não-corporéa que está presente nos diversos órgãos? Está claro esse problema? Então como é que se resolve esse problema?

Hoje em dia é comum a gente pensar e, inclusive na Idade Média se levantou esta hipótese, que o órgão do sentido comum é o cérebro. Por quê? Porque parece existir ligações entre ele e todos os órgãos dos sentidos. Não é isso? Existe ligação entre ele e os olhos, entre ele e os ouvidos, entre ele e a língua, entre ele e a pele, certo? Não é isso? Mas tem um problema. Essa hipótese do cérebro como órgão do sentido comum tem um problema, que é: o objeto próprio de cada um dos sentidos nunca chega ao cérebro. Então, por exemplo: qual é a cor da lajota do piso?

Aluno: Bege.

Professor: Todo mundo concorda que é bege? Deve ter um nome para essa nuance específica, mas, de um modo geral, a gente pode encaixar no bege. Vamos dar para ela o nome de bege, certo? A nossa hipótese é que uma luz bateu aí e que uma parte dessa luz refletiu para os nossos olhos, certo? Essa luz refletida é que é a cor do piso. Está claro isso aí? Essa luz nos olhos causou um determinado estímulo de outra natureza na ligação entre os olhos e o cérebro. E a gente diz: “a sensação de bege vem dessa sensação no cérebro”. Essa hipótese implica em uma troca: o bege que antes a gente pensava como uma propriedade da lajota virou uma propriedade do cérebro, porque a luz que refletiu no piso não chega até o cérebro. Chega uma outra coisa. Essa outra coisa significa as propriedades estabelecidas na lajota. Agora, como eu sei que ela significa as propriedades da lajota? Como eu posso saber que uma coisa significa outra? Comparação: para dizer uma coisa significa outra é

preciso ter alguma experiência do signo e alguma experiência do significado. Está claro isso aí? Se eu não tiver a experiência dos dois, não dá pra dizer que o signo significa o significado. Agora, se é o cérebro que é o órgão do sentido comum, eu nunca recebi o significado; eu só recebi o signo. Então eu não posso dizer, com essa percepção, essa modificação do cérebro, eu não posso dizer nada acerca da lajota. Não é a lajota que é bege, bege é uma qualidade do meu cérebro. Veja, a palavra bege, aí, sofreu uma mutação de significado. Antes ela significava uma propriedade da luz que existia na lajota, agora ela significa outra coisa completamente diferente. Agora, ela não significa luz, mas, sei lá, um impulso eletroquímico.

Agora, vamos lá. Essa teoria tem um outro problema. Ela é contrário à linguagem como teoria dos sinais. Se eu perguntar: o que é bege? A lajota ou cérebro? A lajota! Para saber a cor do cérebro, não dá para olhar a lajota. Tem que abrir o crânio do sujeito e olhar lá. Está claro isso aí?

Esse problema vai impôr a primeira tomada de decisão dos escolásticos. O que o escolástico vai dizer é o seguinte: é que quando você olha a cor da lajota, você imediatamente intui que esse é um modo de ser da lajota e não do seu cérebro. E é por isso que bege significa uma cor do objeto e não uma modificação eletroquímica. Claro que vocês intuem isso imediatamente. O que é essa intuição? Isso a gente vai discutir adiante. Mas o importante é vocês perceberem que bege se refere ao ser da lajota, não ao cérebro. Se bege se refere ao ser da lajota, o cérebro não pode ser o órgão do sentido comum. Porque o cérebro nunca capta um sinal direto da lajota, ele capta um sinal de um sinal, o signo do signo. Como ele não capta o signo primeiro, ele não tem referência comparativa. Está claro isso aí? Isso quer mais ou menos o seguinte. Vamos supor que do outro lado há uma sala mais ou menos igual a essa. E, nesta outra sala, eu começo a dar essa aula. E você estão aqui. Vocês estão vendo a aula? Não estão. Suponha que eu estivesse dando essa aula em uma língua completamente desconhecida para vocês. Suponha que tivesse uma máquina que ligasse essa sala com a outra. E cada vez que eu fale uma palavra lá, a máquina faça um outro sinal aqui. Ela não fala a mesma palavra. Ela dá um outro sinal. Ela faz, sei

lá, por exemplo, um conjunto de luzes, algo incoerente. Quanto tempo demoraria para vocês descobrirem o que estou falando lá?

Aluno: Mil anos!

[risos]

Professor: Provavelmente! A verdade é que nunca descobriria. Porque para descobrir, seria preciso verificar. Teríamos que analisar o que essa máquina está fazendo aqui durante anos e anos. Se não tiver nenhum sinal direto do que está acontecendo na outra sala, eu não teria nunca como traduzir.

Aluno: Falta a mediação do signo!

Professor: Exatamente! Quer dizer, se há um conjunto de significados aqui, eu precisaria ter pelo menos um sinal captado, no mínimo um. Suponha, então, que você tivesse uma das palavras usadas lá e soubesse o significado dela; para que você pudesse descobrir que a um dos sinais dessa máquina corresponde a palavra ser. Isso facilitaria o trabalho imensamente. Suponha que para cada sinal, você tivesse já o significado. Você aprenderia aquela língua muito mais rápido. Dá para perceber por que o cérebro não pode ser o órgão do sentido comum? Ele não pode ser o órgão do sentido comum porque ele só capta sinais e nunca o significado; ele não sabe a que se refere os sinais. Você não teria nem como saber que esses sinais significam alguma outra coisa porque você não captaria sequer a existência desse significado. Se for só pelo cérebro que se percebe o mundo exterior, você não capta nem mesmo a existência dele. Você nem saberia que existe esse referencial ou alguma coisa a que esse sinal se refere.

Então a primeira conclusão dos escolásticos sobre a vida animal é que a vida animal é uma modalidade de vida espiritual. E o que significa espiritual? Até agora significa simplesmente o seguinte: espiritual é um tipo de realidade que implica um modo de ser que pode estar no mesmo lugar que outro corpo. Veja bem, um corpo não pode estar no mesmo lugar que outro. Mas um espírito pode estar no mesmo lugar que um outro. Isso significa que o órgão do sentido comum é espiritual. E porque ele está presente no mesmo lugar que os órgãos dos sentidos

particulares, ele pode captar os mesmos objetos. Está claro isso aí? Desde que tenha a mediação do cérebro, desde que o cérebro tenha algum papel instrumental. Ele pode ter algum papel instrumental. E os órgãos dos sentidos particulares evidentemente também tem algum papel instrumental. Mas esse papel só pode ser instrumental, se não você não sabe que a cor é da lajota. Você imediatamente diria: cérebro é uma modalidade do meu ser. Está claro isso aí?

[Aluno pergunta sobre esse processo.]

Professor: As etapas desse processo são simples. A gente sabe que a luz afeta algumas partes do corpo de maneira particular. E existem algumas partes do corpo que não são capazes de serem afetadas pela luz do mesmo jeito. Isso a gente sabe. Certo? E o eixo que move a capacidade do olho é o instrumento da visão. Isso a gente também sabe porque uma pessoa sem olhos não vê. O olho seria suficiente pra gente comparar a diferença entre verde e azul ou verde e vermelho porque ele é afetado tanto pelo verde como pelo vermelho. Certo? Mas ele nunca vai sentir o amargo. Então, eu, como indivíduo, sinto tanto o amargo como o verde. Está claro isso aí? Então, o eu que percebe ou é uma outra parte do corpo que percebe as duas coisas percebidas no olho e na língua, ou é uma parte incorpórea que está presente no olho e na língua. Está claro isso aí?

O PRECONCEITO ANTI-INTUITIVO NA CIÊNCIA MODERNA

Aluno: Esse problema foi colocado por quem?

Professor: Esse problema foi abandonado do século XIV até a renovação da biologia no século XIX. O que acontece? Quando houve um novo impulso de investigação biológica, ele foi motivado pelo sucesso da física newtoniana. Então você tinha um método de investigação completamente diferente desse. Então, uma hora a gente passa para esse esquema: como esses problemas da sensação e da percepção foram tratados depois? Por que eles não caíram no subjetivismo?

Aluno: Foi uma dedução lógica?

Professor: Não, a dedução lógica é que o seu referencial primeiro se refere ou indica a lajota e não o cérebro. Se a gente nunca viu um cérebro e alguém pergunta qual é a cor dele, a gente responde: “não sei, não tenho a menor idéia”. Ah, que cor é a lajota? “A lajota é bege, não eu”.

Aluno: Foi uma questão de metodologia?

Professor: Para você dizer que o sentido comum é o cérebro ou está lá no cérebro, aí você faz uma interpretação. Certo? Também é uma interpretação da lajota, porque a lajota também aparece pra você. O fato é que eu não capto essa modificação cerebral.

Aluno: É uma “construção” mental.

Professor: Você percebe os impulsos eletroquímicos que acontecem na sua mente?

Aluno: Não.

Professor: Exatamente! Mas a cor da lajota você capta, o sabor do café você capta. Esses é que são objetos de percepção mesmo. Os objetos de percepção são propriedades das outras coisas, não suas. O amargo é uma propriedade do café. O doce é uma propriedade do açúcar. O bege é uma propriedade da lajota e assim por diante. Certo? O que acontece? O que acontece é que os escolásticos não tinham nenhum preconceito anti-intuicionista.

Aluno: E aí é que está a chave!.

Professor: É aí que está a chave! Você capta isso intuitivamente. Quando você percebe a cor da lajota, imediatamente você intui que isso é um modo de ser da lajota. Isso é uma característica dela. Você não precisa provar isso. Ninguém precisa provar isso pra você. Isso é evidente.

Aluno: Isso é um preconceito contra a capacidade humana!

Professor: Exatamente, contra a intuição! O que aconteceu é que a ciência biológica, depois do sucesso da física newtoniana, tinha uma série de preconceito anti-intuicionistas: “não basta que você tenha a intuição, é preciso que você demonstre que bege é uma propriedade da lajota”. Kant ficou tentando provar isso

durante anos e não consegui. Como ele não conseguiu provar por demonstração, ele concluiu: a verdade é que você não sabe se “o bege é a cor da lajota” ou não.

Aluno: Mas é ele que não sabe.

Professor: É, pois é, ele não sabia. Mas isso é um mero preconceito. Se você acha que pode estabelecer que agora só existe conhecimento por demonstração, você não tem como saber se a cor é da lajota ou da sua cabeça, ou de qualquer outra coisa .

Aluno: Ele já “diminuiu” a realidade.

Professor: O sujeito se mutilou! É uma automutilação! Se tem alguma coisa que o sujeito sabia desde a mais tenra infância é que “bege é a cor da lajota”. Ele sempre soube disso. E aquilo que todo mundo sabe não exige prova. Não é isso? Está claro isso aí? Então é o seguinte, Aristóteles dizia: quem tem preconceito contra a intuição não precisa de educação, precisa de punição. Então se o sujeito não sabe se alguma propriedade é da lajota ou da mente dele, ele falou, você faz o seguinte: você prende o sujeito em uma gaiola e coloca um prato de comida lá. Deixe-o dois dias sem comer e coloca a comida lá. Depois diz: não coma, porque isso é apenas uma propriedade da sua mente. Isso que você está vendo não é comida; não tem um prato de comida aí, só tem um impulso eletroquímico do seu cérebro. Não dá pra você instruir um sujeito que não admite aquilo que ele percebe.

Aluno: Não tem a base, não se sustenta.

Professor: Não tem como, porque a instrução se refere àquilo que não é evidente.

Aluno: Não tem como começar sem base.

Professor: Está entendendo? Você só pode ensinar aquilo que o sujeito não sabe.

Aluno: O sujeito que não admite que sabe o que sabe já bagunçou o coreto, né?

Professor: É, já bagunçou todo o coreto! Não dá pra ensinar nada!

Aluno: Mas veja só: foram 500 anos ou 300 anos dos caras fingindo que não sabem o que sabem .

[Outro aluno fez um comentário confirmando a idéia]

Professor: A intuição sensível não exige prova para o sujeito. Porque mesmo o sujeito que acha que é só um impulso eletroquímico, ele vai agir como se não fosse. Por exemplo: não, as propriedades nutritivas dos alimentos também são só um impulso eletromagnético. É um conceito que não é nada mais do que um impulso eletroquímico do cérebro, mas ele vai comer a comida, como se essa propriedade nutritiva estivesse na comida, no alimento, e não no cérebro dele. Ninguém pode se comportar como se não tivesse intuição sensível. Você pode falar que não tem. Está claro isso aí? Esse sujeito precisa de punição, não de instrução. Você precisa colocá-lo em uma situação tal que você mostre para ele: na verdade, você tem a mesma intuição; a intuição tem a mesma evidência pra você que tem para mim, mas você só não admite. Mas todo o seu comportamento é moldado pela evidência da intuição. Está claro isso aí? Então, a primeira coisa que a gente não vai cometer por aqui é justamente o preconceito anti-intuição.

Aluno: A intuição percebe a existência da coisa?

Professor: Eu ainda estou clareando o que é a idéia de intuição. A única pista que a gente tem é que a intuição lhe diz que o objeto existe. Ela lhe diz o bege ou a cor é uma propriedade do objeto e não do sujeito. Certo? A cor está na lajota e não no meu cérebro. Não é uma propriedade do meu corpo; é uma propriedade do corpo da lajota. Está claro isso aí?

Mais adiante, quando a gente avançar para as outras potências, a gente vai perceber que essa intuição é o primeiro ato da inteligência. Certo? Porque ele é uma captação do ser da lajota. O que é ser lajota? No caso, ser lajota é ser bege pra mim; é algo que está na estrutura do ser dela. Está claro isso aí? Quer dizer, toda e qualquer outra operação intelectual tem como base essa operação.

A IMAGINAÇÃO MEMORATIVA E A FANTASIA

Bom, o que mais o animal faz além de perceber? Bom, além de perceber os objetos, além do sentido comum, ele é capaz de reter as imagens do sentido na mente durante algum tempo. Não é isso? Qualquer um de nós pode fechar os olhos agora e lembrar, criar uma imagem mental semelhante em algo ao que está vendo aqui. Não é isso? Evidentemente essa potência depende da percepção sensível e do sentido comum. Sem uma imagem para reter, você não vai reter nada. Está claro isso aí? E, além de reter a imagem, você pode fazer outra coisa ainda. Você pode combinar as imagens de modo a produzir uma outra imagem não percebida pelos sentidos. Não é isso?

Aluno: Inventada?

Professor: Inventada! Então eu posso olhar essas pessoas aqui e lembrar da praia em que eu fui no ano passado e, então, colocar essas pessoas na praia. Posso? Essa operação também depende do sentido comum. Certo? Da minha capacidade do sentido comum e da minha capacidade de reter imagens. Se eu não pudesse lembrar da imagem que eu vi na praia, eu não poderia combiná-la com essa imagem que estou vendo agora. São três operações distintas da mesma potência. O senso comum tem três operações.

- (a) Primeiro, a operação da percepção sensível;
- (b) Segundo, a operação da imaginação memorativa;
- (c) Terceiro, a operação da imaginação combinatória ou fantasia.

A POTÊNCIA ESTIMATIVA

Está claro isso aí? Então vamos pular para a segunda potência. Essa já não é uma operação da potência do senso comum, mas já é uma potência específica mesmo. Por exemplo: quando você vê um cachorro, você pode antecipar que o cachorro quer lhe morder ou quer lhe lambe. Todo mundo é capaz de fazer uma certa avaliação da intenção do cachorro. Não é isso? Se você vê um objeto apoiado

bem na beiradinha da mesa, você pode perceber a possibilidade de cair ou que ele está prestes a cair; mais um mínimo estímulo e ele cai. Não é isso? Você não pode estar percebendo isso com o sentido comum porque isso ainda não aconteceu.

Aluno: Porque você ainda não viu.

Professor: Exatamente. Não é pela visão. É antes da visão. Certo? Quando o objeto cair, bom, agora é pelo senso comum. Está claro isso aí?

Mais ainda, você pode fazer essa previsão antes de ver o objeto pela primeira vez. Você pode perceber a intenção de um cachorro antes de ser mordido por ele pela primeira vez e antes de ver alguém ser mordido por um cachorro. Como? Quer dizer, você percebeu uma possibilidade no cachorro, uma possibilidade de relação entre um cachorro e um objeto. E você percebeu que existe no cachorro uma tensão em direção daquela possibilidade, que destaca aquela possibilidade em relação a outras que ficam virtualizadas. Está claro isso aí? Isso é uma propriedade também comum a todos os animais. Por exemplo: um passarinho, quando ele vê um graveto, ele vê no graveto uma tensão para ser aquele componente do ninho. Mesmo que ele nunca tenha visto aquele graveto como componente do ninho, ele é capaz de perceber esta tensão. Aí ele pega o graveto e põe no ninho. Está claro isso aí? A ovelha, quando vê o lobo, ela percebe a tensão do lobo numa direção hostil a ela. Antes do lobo fazer qualquer coisa, ela sai correndo.

Está claro isso aí? Quer dizer, os animais são capazes de perceber relações particulares entre as possibilidades de dois entes, de dois objetos, de perceber como os objetos tendem a se relacionar. Está claro isso aí? Então, esta potência se chama estimativa. Dá pra ver que ela é completamente distinta do sentido comum porque ela capta possibilidades. É um grau anterior. Ela também é diferente da fantasia combinatória. Quando você fantasia ou combina duas imagens você não sente necessariamente uma tensão para que se realize. Você pode até combinar imagens de uma maneira impossível. Não é isso?

Aluno: Como algo impossível?

Professor: [confirma]. Certo? Não é uma percepção de possibilidades da coisa. Por exemplo: você pode se imaginar mergulhado no mar e você se imagina respirando no mar e andando ali embaixo. Você sabe que não está vendo uma possibilidade em relação ao ser humano. Isso é uma impossibilidade. Você pode imaginar isso. A estimativa não percebe simplesmente combinações, mas possibilidades. E, mais ainda, dessas possibilidades quais tendem a se realizar em uma relação particular. Está claro isso aí?

Do mesmo jeito que a gente pode reter imagens do sentido, a gente também pode reter dados da estimativa. Eu posso guardar na memória. Uma vez que eu vejo um cachorro com a intenção de me morder, eu posso guardar isso na memória também, não posso? E eu posso combinar relações da estimativa. Certo? Por exemplo: um dia estou andando e tropeço em uma pedra afiada e ela corta o meu dedão. Então você viu a pedra afiada e pensou “acho que ela corta o meu dedão, acho que ela tem esta possibilidade”. Aí você vê um coco e ao tenta abrí-lo. Aí você lembra: o coco possui uma tendência, uma tensão, para se manter coeso e a pedra tem uma tensão cortante. Você pode combinar essas possibilidades e concluir: “eu acho que essa pedra pode cortar esse coco”. Todos os animais fazem uso disso.

Aluno: O macaco.

Professor: O macaco! Certo? Então, por exemplo: todos os carnívoros fazem uso do vento. Eles sabem: “o vento transmite o cheiro; se eu ficar contra o vento, eu posso caçar o outro; se eu ficar em outra direção, o vento vai levar o meu cheiro para a minha presa e ela vai me pegar”.

Aluno: É uma questão de sobrevivência.

Professor: Exatamente. Ele conclui: “então é melhor eu ficar do outro lado”. Ele está fazendo um uso da estimativa. Está entendendo? O cheiro tende a ser carregado pelo vento. E a presa tende a perceber o cheiro. E quando ela percebe o cheiro, sai correndo.

Aluno: Se não, eu vou morrer de fome.

Professor: Isso! Se eu não fizer isso, vou morrer de fome. Exatamente! A isso se resume a dita inteligência dos animais, à capacidade da avaliação estimativa. Cada uma dessas potências tem três operações diferentes.

O DESEJO CONCUPISCÍVEL

Mas essas potências tem um outro efeito. A gente começou lembrando a percepção, por quê? Porque a gente lembrou: “ a gente tem desejo e para ter desejo, é preciso percepção”. E esse é o mesmo efeito da percepção sensível, do sentido comum e da estimativa. Isto é, quando eu capto um objeto pelo sentido comum, eu classifico alguns como agradáveis e outros como desagradáveis. Eu sinto uma inclinação a me aproximar de um e uma inclinação a me afastar de outro. Eu gosto de umas coisas e desgosto de outras. Não é isso?

Aluno: De uma qualidade?

Professor: Sim, é uma qualidade do objeto que gera uma inclinação em mim. Quando eu lembro daquilo que eu gosto, eu a desejo, eu quero voltar pra perto dela; quando eu lembro da coisa que eu não gosto, quero me afastar dela, ficar longe dela. Está claro isso aí? Então, essa é a primeira potência apetitiva. A gente tinha começado pela potência da percepção. O sentido comum e a estimativa são aspectos das coisas que a gente percebe. Agora você tem uma outra potência aí, cujo fim não é perceber, mas lhe mover. Está claro isso aí? É evidente que a função do desejo é lhe mover na direção de algumas coisas e lhe afastar de outras. Quais são as operações do apetite? Primeira operação?

Aluno: É a percepção?

Professor: A percepção é uma operação dos sentidos; mas aqui você já separou a primeira operação do apetite. Você classifica: é a simpatia ou antipatia. Não é isso? É o gosto e o desgosto. É o prazer e o desprazer.

Aluno: E, depois, o próprio movimento.

Professor: Exatamente! E, depois, o próprio movimento. Uma vez sentido o prazer e o desprazer, só de você lembrar do prazer e do desprazer, você vai sentir uma tensão. Então, a dor, segundo a operação do apetite é o desejo ou a aversão. Está claro isso aí?

Aluno: Pode ser real ou mental, né? O objeto...

Professor: O que é real ou mental?

Aluno: Você fantasia a lembrança de uma coisa .

Professor: E você pode chegar na coisa e não ter coisa nenhuma. Você pode chegar lá e não ser aquilo que você pensava.

Aluno: O objeto pode estar provocando realmente ou você pode estar só pensando.

Professor: É a mesma coisa. Ou é a imagem presente no objeto ou é a imagem na operação imaginativa, você está lembrando dele ou inventando um outro que seja mais interessante ainda. Não é isso?

Se alguém tiver qualquer dúvida sobre o que estou falando, pode se expressar. Pode e deve.

Certo? Primeiro você tem a simpatia e a antipatia: disso eu gosto ou eu não gosto. Da coisa que você gosta, você sente desejo, uma inclinação na direção dela. Da coisa que você desgosta, você sente aversão. Certo?

E depois? E depois do desejo ou da aversão? Depois você sente o quê? O gozo da coisa desejada ou o prazer da coisa obtida. Não é isso? Você quer continuar: gostei, provei e agora fruo ou gosto da coisa. Está claro isso aí?

Agora, ao contrário do sentido comum e da estimativa, o apetite lhe dá uma informação sobre você e não sobre a coisa. Quem sente simpatia? É a coisa que eu desejo? Não, sou eu. Quem deseja? Sou eu. Quem goza dessa coisa? Sou eu! A mesma coisa para a antipatia ou aversão e para a simpatia e o desejo. Está claro isso aí? De fato, aqui a informação é sobre você, não é sobre o objeto. A informação é sobre a sua mente e não sobre o objeto. As informações sobre o objeto são dadas pela estimativa e pelo sentido comum.

O DESEJO IRASCÍVEL

Agora suponha que você está lá no meio da selva africana e você está morrendo de sede. E há o rio ali, na selva, só que você vê, no caminho do rio, um leão. Então, o seu apetite está lhe levando na direção do rio, mas tem um outro apetite que está lhe levando na direção contrária, porque tem um leão ali. Porque você sente desejo pela água do rio e aversão pelo leão que vai lhe agredir antes de você chegar no rio. O que você faz?

Aluno: Precisa tomar uma decisão.

Professor: Mas qual decisão tomar? Você precisa da água e precisa escapar do leão. Você vai ter que fazer uma avaliação estimativa. Não é isso? O que vai acontecer se eu chegar lá? O leão vai me comer ou eu vou escapar do leão e vou tomar água? Quer dizer, nesse momento em que o apetite está em conflito, esse conflito só pode ser resolvido por um outro tipo de apetite gerado pela avaliação estimativa. Está claro isso aí? O apetite até agora dizia para você: “nem vá embora e saia correndo do leão, nem vá no rio”. Você não pode desistir da água do rio, mas você não pode ir até o rio, mas você não pode ir até lá porque há um leão. Quer dizer, o sujeito está travado. Ele não vai conseguir ação nenhuma, porque ele tende a duas ações contraditórias. Você precisa de um supra-apetite que decida a situação para você. Este supra-apetite, ele não vai funcionar com base na percepção do sentido comum, mas com base na avaliação estimativa. Aí você vai olhar e pensar: “não, esse leão está meio mirradinho e tenho aqui uma calibre 12”.

Aluno: Melhorou.

Professor: Melhorou pra caramba, né?

[Risos]

Professor: Jogo uma isca pra ele. O que você concluiu? Concluiu que você pode superar um problema, uma dificuldade, e aí alcançar o objeto de desejo. Todo mundo entendeu?

Quando você conclui que pode superar uma dificuldade, você sente uma outra coisa, que é diferente do prazer, diferente da simpatia, diferente do gozo; você sente esperança. Não é isso? Que é uma atividade pela qual eu percebo que posso superar o obstáculo com uma certa facilidade. Então você tem esperança de superar.

A esperança gera uma outra inclinação apetitiva em você. Ela gera a audácia, que é uma inclinação para ir na direção da dificuldade. Está claro isso aí? O primeiro tipo de apetite não podia gerar isso. O sentimento nunca lhe levaria na direção do leão. Mas esse apetite supera, a audácia lhe leva na direção do obstáculo, você supera o obstáculo, e aí você sente calma. Você fica calmo, certo?

Mas, e se a avaliação estimativa tivesse lhe levado a uma conclusão contrária? Que aquele leão tem mais força, você não tem sequer um estilingue e não vai ser possível. O leão, além de estar no auge de sua força, está com fome.

Aluno: Era melhor ter ficado em casa.

[Risos]

Professor: Essa avaliação não vai gerar esperança em você, mas o contrário dela.

Aluno: Desespero.

Professor: Desespero! O desespero vai gerar o temor, que é o contrário da audácia, que é uma inclinação para fugir do obstáculo: “ah, não, vou ter que procurar água em outro lugar, vou ter que agüentar”. O que acontece se a reação do temor é frustrada? Na hora em que você sai correndo, o leão lhe avista e vem na sua direção e agora não tem escapatória.

Aluno: Você tenta fugir.

Professor: Pois é, agora não dá mais pra fugir...

Aluno: Ah, não dá mais?

Professor: Não dá, o leão já lhe alcançou. E aí?

Aluno: Lutar até o fim!

Professor: Lutar até o fim! E aí surge a ira. Não tem como escapar dessa ameaça. Mas talvez eu posso me vingar dela um pouquinho, fazer com que ela sofra também.

Aluno: Aí é apenas a ira.

Professor: Exatamente, a ira pura.

Aluno: Não precisa chegar no limite.

Professor: Exatamente. A ira existe porque, às vezes, ela resulta na superação.

Aluno: Resolve.

Professor: Por quê? Porque a avaliação estimativa é limitada. De repente, o leão chega ali e você dá um soco no focinho dele e ele vai embora. Porque você estava com raiva e não há mais nada a fazer mesmo. Certo? A ira existe como um último recurso desse apetite porque a avaliação estimativa é limitada, porque ela não é perfeita. Está claro isso aí? A gente vai falar que esse apetite existe como solução do problema levantado pelo apetite anterior. Você nunca vai na direção de um perigo ou de uma dificuldade só porque existe a dificuldade lá. Existe um monte de coisas que são simplesmente obstáculos a ação humana, mas você não vai na direção delas. Você só vai na direção delas se elas estiverem entre você e o objeto de desejo. Então, o primeiro tipo de apetite tem essas operações que são: simpatia e antipatia, desejo e aversão, dor e prazer ou tristeza e alegria. Ele recebe o nome de apetite sensível. Um nome que é derivado só do seu ato mais característico, que é a concupiscência ou o desejo ou a cupidez. Também há um outro apetite, o apetite que gera a esperança e a desesperança, além da audácia, temor, calma e ira; ele recebe o nome de seu ato mais característico; então vai ser chamado de apetite irascível.

Veja bem, sem este conjunto de instrumentos, nenhum animal poderia viver. As coisas de que um animal deseja e precisa não aparecem sempre de bandeja para ele. Entendeu? Entre essas coisas e ele existem obstáculos. Então ele precisa de um mecanismo que solucione esse conflito. Está claro isso aí?

Aluno :Ainda estamos falando só do animal?

Professor: Ainda estamos falando só do animal! Certo? O animal mais simples possível tem o sentido do tato e tem todos esses mecanismos apetitivos. Se não, ele nem pode sobreviver. Está claro isso aí? Bom, isso aí, essas quatro potências, elas resumem o aparato mental do animal. Não é necessário mais nada para o animal viver.

A PERCEPÇÃO INTELECTIVA

Só que além disso, a gente tem uma outra capacidade humana. O ser humano tem uma outra capacidade. Veja bem, o ser humano percebe que o lobo quer lhe morder e pensa: “o lobo quer me comer”. Você percebe que pode morrer como os outros animais, até mesmo como a ovelha. Então você percebe: “o lobo come animais, come alimentos, come a ovelha, ...”. Ele [o ser humano] é capaz de observar uma série de relações particulares do lobo com diversas categorias de objeto. E ele percebe: “tem alguma categoria de objeto que o lobo não quer comer e tem alguns objetos dos quais ele foge: fogo, por exemplo; um urso, ele não vai querer comer urso”. O ser humano pode coletar diversas relações particulares e compreender qual é a coerência daquelas diversas relações no lobo. Está claro isso aí? A ovelha não é capaz disso; nem a ovelha, nem o lobo, nem nenhum dos outros objetos. A ovelha só concebe o lobo como algo que come. Para ela, o lobo é um ser que come “tudo”.

Aluno: A única circunstância do lobo.

Professor: Exatamente! Essa é a única circunstância do lobo. Para ela, a única possibilidade, a única tensão do lobo é comer. Certo? Mas o ser humano não; ele pode comparar essas tensões em relação aos diversos objetos. Ele pode falar: “em mim é incompreensível a tensão do lobo para fugir do fogo ou do urso, mas no lobo isso é perfeitamente coerente”. O ser humano é capaz de perceber a coerência interna do lobo como ser. Percebendo esta coerência interna, esta coerência interna é o primeiro conceito de lobo.

Aluno: Essa é uma via pela qual o ser humano pode dominar o animal.

Professor: Sim, essa é uma via pela qual o ser humano pode inverter as relações. Opa, se você percebe essa coerência interna, você pode transformar o lobo de predador em presa. A ovelha nunca vai transformar o lobo em presa. Está claro isso aí? Então, o que é necessário para que você capte essa coerência interna. O que é essa coerência interna?

O objeto próprio da estimativa são as intenções ou tensões particulares. Vejam que os escolásticos não usavam a palavra intenção no sentido puramente mental. Então, para eles era o seguinte: esse objeto [aponta para algo na sua mão] tem uma intenção em relação ao chão: tem a intenção de ir para lá. Então, a intenção é uma espécie de tendência, certo? É um “tender para”. Então, o objeto da estimativa são as intenções particulares. São tensões ou tendências particulares. Mas, combinando as diversas tensões particulares de um objeto, você é capaz de entender a intenção universal dele ou a tensão permanente que causa nele todas essas tensões particulares. [Por exemplo:] ah, por que o lobo foge disso e corre na direção daquilo? Mesmo um sujeito que não seja lobo, um sujeito que nunca experimente essas tensões pode ser capaz de dizer por que ele faz uma coisa ou outra.

Estas intenções universais são captadas pela inteligência, não pela estimativa. Se há diferença, justamente, entre uma intenção particular e uma intenção universal, é que a intenção universal está sempre presente no objeto. E ela é a raiz das experiências particulares. Está claro isso aí? As intenções particulares às vezes estão no lobo, mas às vezes não estão; às vezes ele está com fome, às vezes não está. Certo? Mas ainda as intenções universais estão sempre nele. A estrutura lupina está sempre ali. Certo? É essa estrutura que é o objeto da inteligência. Está claro isso aí?

Então, o que acontece? O que acontece é que até agora cada tipo de percepção ou cada modo de percepção gerou, no ente capaz daquela percepção, um modo de apetência.

(a) A percepção do sentido comum gerou o apetite concupiscível.

(b) A percepção da estimativa gerou o apetite irascível.

(c) E a percepção intelectual, isto é, a percepção das intenções universais?

Ela gera um outro tipo de apetite.

Aluno: Gera o conhecimento?

Professor: O conhecimento está na própria percepção.

Aluno: Então tem mais coisas.

Aluno: A realização?

A VONTADE

Professor: Repare no seguinte: alguns intenções universais do objeto são sempre boas em relação a você; são sempre desejáveis, e outras são sempre indesejáveis. Está claro isso aí? Então, por exemplo, às vezes você sente desejo de comer e às vezes você não sente. Não é isso? Mas você come com uma certa regularidade. Às vezes com mais fome, às vezes com menos fome. Por que você não come somente, exatamente, quando você tem fome? O que lhe move a por uma regra ou regularidade no comer não é o apetite concupiscível, quer dizer, não é a fome; a fome lhe leva a comer só quando você tem fome e a não comer quando não tem. Tem um outro apetite aí. Um apetite que percebeu que, simplesmente, você precisa, sempre, de uma certa quantidade de alimentos distribuídos em certo intervalo de tempo. Você percebeu que essa é uma tensão universal sua. Isso é verdade quando você sente fome ou não. Está claro isso aí?

A percepção de intenções universais gera um apetite de tipo universal, que existe, que opera independente do estímulo sensorial imediato. Está claro isso aí? Só o ser humano come quando não tem fome e não come quando tem fome. Ele faz isso sem ser movido pelo apetite concupiscível ou pelo [apetite] irascível, pois a comida está lá na geladeira; não há dificuldade nenhuma. Ele faz isso movido por um outro apetite, que se chama vontade. A vontade é um apetite determinado ou criado pelo objeto da inteligência. Se desejo do apetite concupiscível foi gerado pelo sentido

comum, se o apetite irascível foi gerado pela estimativa, a vontade foi gerada pela inteligência. A vontade estabelece normas para você porque ela percebe que certas relações são permanentes, independente do que você está sentindo no momento ou não. Está claro isso aí? Então, a vontade diz para você: “é bom você comer todo dia com uma certa regularidade porque é isso que vai manter o seu corpo; faça isso gostando ou não”. Está claro isso aí?. O animal não, ele só faz o que gosta. Mas você pode perceber que existem coisas mais importantes do que o que você gosta. E você quer que elas aconteçam. Você sente uma inclinação na direção delas, que não é um desejo “comum”.

Aluno: É algo superior ao desejo?

Professor: É superior ao desejo. É um comando que tem um poder mais intenso sobre o corpo. Por que é um poder mais eficiente? Porque ele é mais coerente. A gente já viu que os desejos podem ser contraditórios. Então, por exemplo, se a estimativa de um animal não consegue avaliar se um obstáculo é superável ou não, ele está simplesmente travado. Quer dizer que a maneira própria de caçar animais é você ficar inventando obstáculos que ele não concebe, obstáculos que eles não são capazes de avaliar. E se você está dentro de um obstáculo que você não consegue avaliar? A sua vontade pode escolher entre enfrentar o obstáculo ou não. Quer dizer, [alguém poderia pensar neste caso]: “eu prefiro ir de encontro deste obstáculo porque o objeto que está atrás dele é indispensável para a minha coerência interna. É melhor ser derrotado pelo obstáculo tentando do que não tentar [ultrapassá-lo]”. Ou, pela vontade, você também poderia dizer: “não, esse objeto não é tão importante assim. Pode deixar pra lá”.

A vontade pode ir além da estimativa. A diferença entre essas diversas potências está no alcance delas. Quer dizer, o sentido comum é o que tem menor alcance: ele só alcança fatos. A estimativa alcança fatos e possibilidades dos fatos. A inteligência alcança fatos, as possibilidades e as estruturas que organizam estas possibilidades. É esse maior alcance, no qual o objeto da primeira potência está incluído no apetite da segunda, que dá ao apetite gerado pela segunda poder sobre o

apetite da primeira. Então, como a inteligência tem maior alcance, o apetite gerado pela inteligência tem poder sobre os outros dois.

Então, o que acontece? A vontade, para operar, ela depende de uma única coisa: da percepção de relações constantes. Sem essas percepções fundamentais, ela simplesmente não opera. Quem não pode ver o conceito de uma coisa, não pode ver se elas são boas ou más. Está claro isso aí?

Aluno: Usa todas as anteriores?

Professor: Usa todas as anteriores! Todas as outras são instrumentais em relação à inteligência. Isso quer dizer o quê? Quer dizer que a inteligência exige mais do que é exigido pelas outras potências. O sentido comum é, de todas as potências, a que exige menos do seu psiquismo.

Aluno: Menos esforço.

Professor: Exatamente! Você não precisa de esforço nenhum para ouvir o que eu estou falando ou para ver esta sala. Isso ocorre quase espontaneamente. O próprio fato de fazer uma avaliação estimativa já exige um pouco mais de força. Para comparar as diversas relações estimativas e chegar a estrutura de um objeto, é preciso fazer muita força. Você precisa usar toda a sua psique, todas as potências. Está claro isso aí? Então, embora a inteligência e a vontade, que é o apetite derivado da inteligência, sejam as características distintivas do ser humano, elas são as operações mais difíceis. Porque elas exigem o emprego de todas as outras. Está claro isso aí? Então, a gente pode classificar as potências em três campos ou faixas de atividade:

(a) Primeiro, você tem as potências afetivas. Certo? As potências afetivas são aquelas que são maximamente passivas. Por exemplo: o senso comum, o apetite concupiscível, a imaginação, todas estas são potências afetivas, são maximamente passivas no ser humano, não exigem muito esforço.

(b) Segundo, você tem a esfera ou faixa volitiva. Esta esfera exige, já, um esforço.

c) E, terceiro, você tem as potências intelectivas. Está claro isso aí? Estas exigem um máximo esforço.

A vontade exige menos esforço do que a inteligência embora ela seja posterior à inteligência. Uma vez que você entendeu o objeto, resta pouco para você querer ele ou não. O esforço é bem menor. Está claro isso aí?

UM EXERCÍCIO DIALÉTICO: A DEFINIÇÃO DE LAJOTA

Então, vamos dar mais uma pequena distinção. No conjunto das potências intelectivas, a inteligência tem duas operações. Na inteligência existem duas operações que a gente chama de inteligência. Ao simplesmente coletar as relações particulares de um objeto, você, só pelo esforço de coletar, você já entende o que é isso?

Aluno: Não, você tem que comparar.

Professor: Não basta só coletar. Não basta olhar ou perceber um objeto para entendê-lo e não basta apenas coletar as diversas relações particulares dele. Você precisa do quê? Você precisa começar a separar algumas relações de outras. Por exemplo, a lajota. Suponha que você queira entender o objeto lajota. Certo? A primeira nota que se tem sobre a lajota, a primeira coisa que a gente colocou sobre ela, é que ela é bege. Não é isso? Uma outra nota é que ela é quadrada. Que mais? É dura, lisa, de cerâmica.

Professor: Agora, vamos lá! Todas as lajotas são beges? Não, isso também falhou. Bege não faz parte da estrutura permanente da lajota. Bege não é uma tensão universal da lajota, é uma tensão particular. Toda lajota é dura? Existe uma lajota mole?

Aluno: Não.

Professor: Não há nenhuma lajota mole. Opa! Então, a dureza faz parte da tensão universal da lajota. Para ser lajota, tem que ser dura. Quadrada? Toda lajota é quadrada? Não. Toda lajota é plana. Não é? Tem lajota que é esférica?

Aluno: Não.

Professor: Não tem!

Aluno: Seria a lajota mais estranha do mundo!

[Risos]

Professor: Então, o que acontece? Nas relações particulares que você vai vendo na lajota, você vai separando algumas como acidentais. Existem algumas relações que podem estar na lajota ou que podem não estar. E outras entendidas como essenciais: as quais têm que estar em toda lajota. Não é isso? Então, vamos lá! O que mais há na lajota? A lajota é um tipo de quê?

Aluno: De piso.

Professor: De piso!

Aluno: De revestimento.

Professor: De revestimento! Mas é revestimento de piso.

Aluno: [risos] Como é que vai colocar na parede?

[risos]

Professor: Então, é um revestimento? Então a gente também já sabe a espécie ou gênero da lajota. A lajota não é o único tipo de revestimento que existe. Existem outros. Me digam outros tipos de revestimento que existem?

Aluno: Tinta.

Professor: Tinta! A diferença entre a tinta e a lajota é fácil: a tinta não é dura. Outro tipo de revestimento?

Aluno: Cimento.

Professor: Cimento! Qual é a diferença entre o cimento e a lajota?

Aluno: A lajota vem em pedaços.

Aluno: A textura.

Professor: Textura!

[Alunos discutem entre si sobre as diferenças entre a lajota e as outras espécies de revestimento.]

Aluno: Em alguma [dessas notas descritivas] pára?

Professor: Exatamente! Tem uma que deve servir para descrever a lajota antes de você saber ou de conhecer estritamente a estrutura da coisa. Tem alguma que capta, alguma que anota tudo que tem na lajota e vai separando. Quando você separa [estas notas], de repente você percebe que “a lajota é isso”, é esse conjunto de notas aqui, essas coordenadas definidas aqui. Então, por exemplo, a gente falou: “a lajota é um revestimento e que o cimento também é um revestimento, mas existem lajotas de cimento”. Ah, o cimento não é um revestimento, mas um material do revestimento, com o qual você faz revestimento. Você pode usá-lo para fazer revestimento ou você pode usá-los para fazer outras coisas também, mas a lajota não. O cimento tem diversas finalidades. Uma delas é o revestimento, mas a lajota não; a [finalidade da] lajota é sempre revestimento. Se eu falar que a lajota é um revestimento duro e plano, isso é suficiente para distinguir a lajota? Existem outros revestimentos dos quais a gente lembra e que são duros e planos?

Aluno: azulejo.

Professor: Azulejo! Qual é a diferença entre o azulejo e a lajota?

[Alunos explicam essa diferença.]

Professor: Então, quer dizer: lajota é o revestimento duro, plano, resistente bastante para ser usado como piso? É suficiente?

Aluno: Não.

Professor: Não, tem um outro revestimento duro, plano, resistente bastante para ser usado como piso.

Aluno: Pedra.

Aluno: Granito.

Professor: Granito. Você pode usar pedra ou madeira. Qual é a diferença entre a lajota e a pedra e a madeira? É o material de que cada um é feito. Se você pegar a pedra e a madeira, você não poderá usá-las como material de revestimento. Por quê? Porque a pedra e a madeira não aparecem planas. A lajota, a madeira e a pedra, todas elas são trabalhadas para serem usadas no piso. A diferença entre elas é o quê? É o material que é usado. Qual é o material da lajota? Argila ou cimento. Já

vimos que existem lajotas de argila e existem lajotas de cimento. Não é isso? Então vamos falar: a lajota é o revestimento duro, plano, resistente bastante para ser usado como piso feito de argila ou cimento. É suficiente?

[Os alunos confirmam.]

Professor: Agora acho que a gente chegou lá. Agora a gente alcançou a estrutura permanente da lajota, que pertence a todas as lajotas e só a elas. Está claro isso aí? Ou, em outras palavras, a gente entendeu o que é a lajota. Ser lajota é isso: ser revestimento duro, plano, resistente bastante para ser usado como piso e feito de argila ou cimento. Está claro isso aí?

AS DUAS POTÊNCIAS DO INTELECTO

Ora, a primeira atividade que a gente estava fazendo era ir separando notas e comparando a lajota com outros objetos. O último [ato] é uma captação da estrutura da própria lajota. Uma percepção clara. Evidentemente, essa captação, essa estrutura já havia sido percebida antes, senão não era possível selecionar as notas. Se não, não há nenhum critério para selecionar as notas. Mas ainda não era de maneira clara, ainda não explicava! Então, essas duas operações são feitas com potências diferentes:

(a) a primeira potência que intui a estrutura do objeto e separa as notas é o intelecto agente. Ele é ativo. Ele precisa de um esforço ativo para fazer esse processo.

(b) E, segundo, a captação da estrutura da lajota. Agora não mais na lajota, mas na mente. É o intelecto paciente. É chamado de paciente ou passivo porque ele depende completamente do trabalho do intelecto agente. Sem o trabalho do intelecto agente, o intelecto paciente não entende nada. O intelecto paciente, ele só opera quando as intenções ou tensões universais ficam separadas de todas as intenções particulares e organizadas segundo a estrutura do objeto.

Aluno: É como se fosse a biblioteca do conceito.

Professor: Sim. É nele que você vai reunir o conceito. É nele que toca o conceito. É nele que o conceito fica depois que entende.

Aluno: E quando o filho reconhece a mãe ao buscar o peito [para mamar]?

Professor: Pois é, mas ele não tem o conceito de mãe desde o começo. Ele só tem as notas pertencentes à mãe e que a distinguem dos outros seres. É claro que ele percebe ela. Ele a intui desde o começo?

Aluno: Senão a ama de leite também seria mãe para ele.

Professor: Senão a ama de leite também seria a mãe. Certo? Então, essa é a diferença entre um conhecimento como ato da inteligência e uma avaliação estimativa qualquer. Quando termina a atividade da inteligência, você termina com uma imagem mental que é uma reprodução exata da estrutura permanente do objeto. E serve de critério, agora, para você avaliar qualquer objeto agora e saber se ele é lajota ou não [por exemplo].

Vamos fazer uma pequena pausa?

[Alunos levantam-se e a aula é interrompida.]

CONTINUAÇÃO DA TRANSCRIÇÃO² DA AULA DO PROFESSOR LUIZ GONZAGA DE CARVALHO NETO FEITA NO DIA 25 DE MARÇO DE 2006.

UMA RECOMENDAÇÃO DE LEITURA

Professor: Então, para a gente continuar, aí vai uma recomendação de leitura. É do trabalho do intelecto agente coletar notas sobre um objeto e depois separá-las. Para levar a uma captação clara da estrutura do objeto, como a gente falou, é um trabalho muito difícil. Para fazer isso com a lajota, tudo bem, pois a lajota está aqui na nossa frente e todo mundo vê lajota todo dia. Certo? Mas se a gente fizer isso com outros objetos como, vamos dizer: “moralidade”, “mal”, “bem”, “alma? Aí a coisa complica imensamente. Existem objetos sobre os quais a gente tem poucas notas ou poucas notícias e que são objetos importantes de compreender. Então existe o primeiro manual clássico que ensina a fazer esse trabalho com mais eficiência, que é o livro de Aristóteles chamado “Tópicos”. A arte da dialética é justamente de trabalhar de maneira eficaz com o intelecto agente.

Aluno: Tem em português?

Professor: Tem em português, sim. Eu recomendo a leitura dele para que eu possa comentá-lo nas outras reuniões posteriores.

Aluno: O livro saiu em português como “Órganon³”, incluindo seis livros: “Categorias”, “Da Interpretação”, “Analíticos anteriores”, “Analíticos posteriores”, “Tópicos” e “Refutações sofísticas”.

[Os alunos trocam informações e referências sobre as edições do “Órganon” em português.]

² Transcrição feita por Carlos Eduardo de Carvalho Vargas.

³ ARISTÓTELES. **Órganon**: categorias, da interpretação, analíticos anteriores, analíticos posteriores, tópicos, refutações sofísticas. Trad. Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2005. 608p.

Professor: Por enquanto, será assim. Vocês podem ler qualquer um dos outros livros do “Órganon”, mas o que importa mesmo para o que a gente vai fazer aqui é a leitura do “Tópicos”. Por que o que é que a gente quer fazer em cada uma dessas reuniões? Exercícios dialéticos!

A DISTINÇÃO ENTRE O INTELLECTO E A ESTIMATIVA

Então, por exemplo, o que distingue os animais do ser humano é justamente o intelecto. Quando eu fui separando as notas [do ser humano], eu já sabia que eram notas indispensáveis para a gente entender a estrutura de um animal ou do ser humano. Dentre as várias notas, separei o que é indispensável para conhecer a estrutura permanente do animal: o senso comum é indispensável, a estimativa é indispensável, os apetites são indispensáveis. Estão sempre presentes em qualquer animal. Certo? Eu já fiz uma seleção prévia das notas, mas toda vez que vocês forem investigar a estrutura permanente de um objeto, vocês não vão encontrar esta seleção prévia. Vocês vão ter que anotar tudo e, depois, ir separando. Então, justamente nos “Tópicos”, Aristóteles vai dar ou ele está dando uma série de macetes que vão nos ajudar a perceber as notas e a separá-las. Certo? Ele começa com macetes práticos e termina explicando por que esses macetes funcionam de uma forma mais ou menos coerente na arte dialética.

Agora vamos voltar um pouquinho para uma das potências da qual a gente não falou muito: a vontade.

[Um aluno faz uma pergunta sobre a Arte Retórica.]

Professor: Porque a Retórica demanda do sujeito apenas a estimativa. Ela exige que você ponha para trabalhar somente a estimativa. Para convencer alguém a fazer uma ação, você não precisa nem saber a definição desse alguém, nem a saber a definição da ação. Você precisa simplesmente que seus argumentos funcionem. E a estimativa permite fazer com que uma coisa funcione mesmo quando você não sabe o que ela é. Por exemplo: a ovelha não sabe o que lobo é ou o que é lobo, mas ela

sabe mais ou menos como ele funciona. Ela sabe alguma coisa sobre o funcionamento dele. Certo?

O PAPEL DA ESTIMATIVA NA CIÊNCIA MODERNA OU O ABANDONO DO INTELECTO

Em uma reunião posterior a gente pode fazer uma história, isto é, um resumo das principais etapas dessa regressão, de como ela aconteceu e como hoje em dia, em qualquer ambiente educado, você precisa começar com essa distinção básica porque quase ninguém sabe a diferença entre perceber uma estrutura fenomênica e perceber uma coletânea de relações particulares que existem. É algo que as pessoas não percebem. Somente para dar uma idéia disso aí. A gente sabe perfeitamente como funcionam as órbitas dos planetas. Existe uma série de fórmulas matemáticas pelas quais pode-se prever a posição dos planetas daqui um ano, mil ou dois mil anos. Como é que a gente conseguiu uma descrição matemática precisa e simples dessas órbitas planetárias? Foi com a física newtoniana. Antes você tinha uma descrição matemática precisa, mas inteiramente complexa. Certo? O que hoje em dia é fundamental. Foi Newton que sintetizou essa a percepção matemática em uma expressão simples. Quando eu digo simples, é o seguinte: “olha, para você explicar as órbitas dos planetas basta você imaginar que existe uma força, que toda matéria tem uma força pela qual ela atrai matéria assim, assim, assim. Se você imaginar uma força assim, você pode descrevê-la matematicamente assim e assim você sabe como será a trajetória amanhã”. Quando ele faz isso, qual é a primeira impressão que você tem?

(a) Primeiro, que você pode realmente prever a posição dos planetas; logo, essa força existe. Mas, ora, dizer que essa força existe é apenas uma opinião razoável. Você não apreendeu essa força, não intuiu essa força no movimento planetário, aí coletou as notas dos movimentos planetários, separou as acidentais das essenciais e, aí, definiu. Você não sabe o que é o movimento planetário, você não

conhece cientificamente o que é o movimento planetário; mas você tem uma opinião razoável, apenas, da causa dele. Essa concepção do Newton fez tanto sucesso que a representação matemática de um fenômeno, que lhe conduz a uma opinião razoável acerca de alguma dessas opiniões, passou a valer como ciência. O que se tem como demonstração matemática [na física moderna], na verdade, é uma representação matemática. Ele não provou que essa força [gravitacional] existia na matéria mesmo. Entendeu? [Ele disse que:] se existir uma força assim, os planetas vão ter que se comportar exatamente como se comportam. Mas você também pode conceder outras causas possíveis, que se existissem, também causariam o mesmo movimento.

Aluno: E olha que essa explicação [de Newton] é só para a manutenção do movimento. Ele explica como o planeta se mantém girando, mas não explica como começou.

Professor: Vocês não sabem, vocês não conhecem o ser daquele movimento. Vocês conhecem a “acidência” dele: o conjunto de acidentes que o descrevem. Exatamente! Você pode colecionar as notas dos acidentes da lajota e você não sabe o que é a lajota, mas como ela se apresenta a você. Para você entender o que é, vai ter que pegar como ela se apresenta para você, como ela se apresenta para os outros e ver o que nessa apresentação é permanente e o que não é. O que precisa estar ali e o que não precisa. Está claro isso aí? E isso aí Newton não faz. Certo? Então, a partir dessa época considera-se como ciência qualquer conjunto de opiniões razoáveis que permita ou descreva um fenômeno tal e qual ele se apresenta.

Aluno: Mas é só isso mesmo!

Professor: É só! Isso é um exercício da estimativa. Você pegou uma série de relações entre as posições dos planetas e as comparou com relações matemáticas ou fórmulas. E você criou fórmulas que têm uma relação estruturalmente semelhante com a posição dos planetas. Você criou um símbolo matemático do movimento planetário. Mas é só um símbolo, não é um conceito. Está claro isso aí? Quer dizer, o símbolo matemático pode-lhe permitir um monte de coisas. Ele permite, por exemplo, prever o movimento do objeto simbolizado. Assim, como, sei lá, os

símbolos astrológicos também permitem prever o comportamento dos objetos, mas não lhe dizem nada acerca do ser deles. O ser deles [do movimento planetário, nessa teoria] é a força da gravidade. É claro que isso é um salto mágico.

Aluno: É com Newton que fica assim.

Professor: Você apresenta um símbolo e afirma que aquilo é um conceito. Isso é a mesma coisa que um astrólogo faz quando acontece alguma coisa e ele diz: “ah, isso é Saturno na casa V” ou “isso é Sol em Peixes”. Ele te deu um símbolo e falou que o símbolo é a coisa. A única diferença é que o símbolo do astrólogo não é matemático.

[Um aluno oferece mais um exemplo de descrição simbólica.]

Professor: É a mesma coisa: ele te deu um símbolo e disse que o simbolizado é o símbolo. Quando, o simbolizado e o símbolo são semelhantes. Você pode atribuir uma relação símbolo-simbolizado, mas uma coisa não é a outra. O que acontece? Todo símbolo implica em fazer um recorte no objeto. Só que esse recorte não é baseado na estrutura intrínseca do objeto, mas em um determinado interesse específico que você tem. Então, Newton olhava para o céu, via o movimento planetário e ele fazia um recorte do objeto. Esse recorte não era baseado no ser do céu, em “o que é o céu”; era baseado no interesse dele, que era entender matematicamente as órbitas dos planetas. O astrólogo vai lá, olha o céu e faz outro recorte, que também não é baseado no ser do céu. Quando o poeta olha o céu, faz outro recorte ainda. O casal de namorados olha o céu e faz outro [recorte] ainda. Todos esses recortes são símbolos do céu. Eles dizem alguma coisa sobre o céu, mas não lhe dizem o que é o céu. Está claro isso aí? Eles são notícias organizadas acerca do céu. Certo? Mas eles não são inteligências do céu ou compreensões do céu.

É claro que quanto mais conjuntos de notícias organizadas se tiver sobre um objeto, mais fácil vai ser a compreensão do que ele é. Certo? Mas, e se eu faço um recorte e digo que o ser do céu é isso, é o que é representado por esse recorte? Imediatamente eu reduzi todos os outros recortes à fantasia. Quer dizer, o que o poeta vê no céu é a imaginação dele, não é o céu. O que o astrólogo vê no céu é a

imaginação dele, não é o céu. O que o casal de namorados vê no céu também é imaginação, não é o céu. E só o que Newton vê no céu é o céu. Quer dizer, esse recorte, essa atitude, indica, implica não somente um recorte, mas uma escolha arbitrária. Você não tem nenhuma prova de que o recorte de que Newton faz é mais relevante do que o recorte que o casal de namorados faz, de que o recorte dele diz mais sobre a realidade do céu do que o recorte feito pelo casal de namorados. Newton faz esse recorte desde o começo. Para ele é assim: o objeto do conhecimento científico é somente o recorte matematizável do cosmos.

Aluno: Do comportamento do cosmos?

Professor: De tudo, tudo, tudo. Se não é matematizável não é real - é um mero epifenômeno subjetivo do matematizável. Assim, se o casal de namorados vê o céu e vêem ali um motivo para estarem juntos ou uma causa de alegria, isso aí ocorre simplesmente porque existe uma fórmula matemática que rege o cérebro de vocês e que faz com que vocês reajam ao céu assim. Por quê? Porque, desde o começo, eu escolhi: só é real o que é matematizável. Quer dizer, o recorte inicial, se acompanhado de uma escolha arbitrária, ele passa a se tornar um limite para a compreensão do objeto porque ele vai ter que explicar qualquer outro recorte como uma modalidade secundária do primeiro. É a mesma coisa quando você olha o bege e diz que ele é simplesmente uma frequência tal da luz. Ora, o bege não é apenas um recorte matemático da luz; se o piso for dessa cor bege fica bonito e se for de uma outra cor fica feio: isso também é uma leitura sobre o bege, tão real quanto a frequência matemática. Se eu quero entender o que é bege, eu não posso, antes de entender, descartar uma nota, fazer um recorte. Está claro isso aí? Isso vale para qualquer ciência e para qualquer objeto. Quer dizer, para saber o que é céu, é preciso saber o recorte que o astrólogo faz, o recorte que Newton faz, o recorte que o poeta faz, o recorte que o casal de namorados faz, os recortes de todos eles. Porque, então, aí, por trás desses recortes, há um objeto capaz de causar todas essas possibilidades. Está claro isso aí?

DUAS OPERAÇÕES DA VONTADE

Então vamos voltar para a vontade. Assim como todas as outras operações tem diversos atos, a vontade também tem diversos atos como operações. Certo?

(1) O primeiro ato da vontade é: uma vez que uma relação universal é entendida como boa, a vontade se sente empenhada a ter aquela intenção universal. A partir do momento em que você percebe que comer é um bem, a vontade é inclinada. Isto é um ato chamado de volição. Ou o outro nome disso é “querer”, como algo mais forte que desejar. A volição pode causar uma outra operação que é a intenção.

(2) A intenção consiste em pôr as outras faculdades a serviço da volição. Por exemplo: agora eu quero um café. Então, o que eu faço? Agora eu tenho a volição do café. A intenção move os meus músculos e o meu aparato corpóreo para lá. Quer dizer, o movimento mesmo não é essa vontade, mas é o resultado dessa intenção. A intenção já lhe põe a caminho. Certo?

(3) E o terceiro ato da vontade é a escolha. A escolha consiste no quê? Eu posso ir até lá e pedir para você esperarem um pouquinho. Posso pedir para a Uilly pegar um café para mim. Certo? Eu tenho vários meios para alcançar o mesmo fim.

Aluno: Você quer que eu pegue um cafézinho?

[O professor confirma.]

Aluno: Você fez uma ótima escolha!

[risos]

Professor: O terceiro ato é a escolha. A escolha se refere aos meios.

Aluno: Para satisfazer a vontade.

Professor: Para satisfazer a vontade. Antes que viesse o desejo café e o comando da vontade, se eu decidisse que agora não devia tomar café, eu não tomaria. Mesmo que eu tivesse desejo. Não é isso? Mas às vezes o desejo predomina sobre a vontade. Por que o desejo às vezes predomina sobre a vontade? Isso tem duas causas:

(a) A primeira causa é que pode não ser claro para você por que é bom não satisfazer aquele desejo. Você pode ter esquecido a razão e a vontade perdeu a força. Porque a vontade se origina justamente da inteligência. Esse foi o primeiro motivo.

(b) O segundo motivo é que aquele desejo pode corresponder ainda e apenas simbolicamente a uma necessidade subjetiva que você desconhece.

Aluno: Nos dois casos é por falta de informação.

Professor: Por falta de informação, nos dois casos!

Aluno: Por uma falha de cognição.

A RELAÇÃO ENTRE A VONTADE E O DESEJO

Professor: Tanto que depois que você satisfaz um desejo, que a sua vontade indicava o contrário, o que você sente? O mesmo prazer?

Aluno: Sim.

Professor: Não, durante, a realização do desejo você sente prazer, mas, imediatamente depois, quando acaba a sensação de prazer, o que acontece imediatamente depois? Você sente uma espécie de frustração. Você pensa: “eu consegui alguma coisa com isso, mas teve alguma coisa que eu não alcancei”. Alguma inclinação natural foi frustrada nesse processo. Está claro isso aí?

Aluno: Como se a escolha não fosse livre aí?

Professor: Exatamente! Quer dizer, a liberdade de escolha depende da clareza objetiva e subjetiva. Depende de você compreender claramente o objeto, por que você deve fazer aquilo, e, claramente, quais foram as suas motivações reais. Aí a escolha é livre. Aí a vontade sempre predomina sobre o desejo. É por isso que os escolásticos diziam que: “se você, na hora, não segurou o desejo, se o seu desejo superou a vontade ou a sua vontade não segurou o desejo, em um momento que ela deveria segurar, não fique arrancando os cabelos por isso. Não precisa ficar triste, não adianta nada. Você tem que ver qual foi a raiz da força o desejo e a raiz da

fraqueza da vontade. Se não, isso vai voltar a acontecer do mesmo jeito. É só isso que vai acontecer”.

Por que acontece isso? Você vai ver que acontece isso porque o desejo ou apetite concupiscível funciona baseado na analogia. Quer dizer, o sentido comum não sabe o que é a coisa desejada. Ele só sabe como ela aparece. E quando você nasce, você já sabe tudo o que você precisa para a vida? Não, ainda tem um monte de necessidades que você desconhece. E aí o que é que acontece? Aí você vê um objeto de desejo que é parecido com essa necessidade. Aí essa necessidade surge e reforça o desejo. Aí você alcança o objeto, mas isso não traz a satisfação, porque ele era só um objeto análogo a algum objeto de que você necessitava. Enquanto não descobrir qual é essa necessidade (e, às vezes, isso pode demorar vinte ou trinta anos), enquanto você não descobre, a sua vontade vai falhar algumas vezes. E ainda vai demorar muito tempo para você descobrir. Às vezes você só vai descobrir depois da morte. Às vezes passa a vida inteira e você não vai descobrir. É sempre possível que alguns pecados continuem com a gente a vida toda. Essa é uma informação importantíssima sobre a vida humana. Deus vai perdoar alguns pecados justamente porque alguns desses pecados são insuperáveis por esse indivíduo concreto.

Aluno: Nessa situação é necessária a humildade.

Professor: Exatamente! Quer dizer, embora, em princípio, na ordem estrutural geral, a vontade está acima do desejo, na prática nem sempre vai acontecer assim. Pode ser uma deficiência educativa. Pode ser uma deficiência muito simples de satisfazer, mas até você descobrir vai passar um ano. Certo? Então é preciso que a informação intelectual acerca do objeto seja suficiente para que a sua vontade possa segurar aquele desejo, mas pode ser que não [aconteça assim]. Está claro isso aí?

OS EXEMPLOS DOS SANTOS

Para a pessoa ser moral, ela precisa saber que sempre haverá alguma incoerência moral nela. Se você perguntar lá se São Francisco [de Assis] vai ter alguma incoerência moral, ele vai falar que vai. Mas ele só vai ter aquelas incoerências [morais] sobre as quais ele realmente não tem domínio. Só tem aquelas que um conjunto de acidentes [dele] tornou impossível de superar. Agora, a gente só descobre essas aí mantendo uma tensão permanente na direção da moralidade. Se o sujeito tentar entender suas motivações e assumir: “tenho alguns defeitos porque não consigo entender a que necessidades e a que objetos meus desejos correspondem, não estou entendendo porque sou muito burro”, então ele terá menos culpa e mais mérito [moral]. Ficaré apenas com os defeitos que forem desvios ao limite da mente dele. Está claro isso aí?

Aluno: Você pode dar um exemplo de um pecado insuperável em um homem santo?

Professor: Um exemplo de pecado insuperável em um homem santo?

Aluno: Um exemplo dessa dificuldade do homem santo para perceber uma necessidade.

Professor: Vou dar um exemplo no caso no próprio São Francisco de Assis. Certo? São Francisco tinha dois defeitos permanentes que ele tentava e não conseguia superar. Um deles era a incapacidade de percepção de quando o outro estava tendo um sofrimento insuportável. Como ele tinha muita capacidade de suportar o sofrimento, ele não tinha essa percepção espontânea do que o outro podia suportar. Então, muitas vezes ele era insensível. Às vezes ele colocava um fardo nos ombros do outro que iria fazer este sujeito cair e colocá-lo em crise, mas não precisava; era só pedir para outra pessoa fazer isso.

Aluno: Ele não percebia a gradação.

[34:52]

Professor: Ele não via a gradação. Não percebia espontaneamente. Esse era um dos defeitos. Outro defeito? Ele mesmo fala: “eu não soube organizar a minha ordem de modo que as pessoas fiquem mais santas nela”. Ao entrar na Ordem

Franciscana, alguns ficam santos e outro não. Tanto é assim que antes da morte dele, ele foi deposto como chefe da ordem. Foi um dos casos em que depuseram o fundador. No entanto, eu tive um desejo intenso de organizar uma ordem, de criar uma ordem religiosa, mas eu faço isso mal feito e, com isso, acabo prejudicando outras pessoas.

[Alunos fazem algumas perguntas e comentários sobre a história da ordem franciscana.]

Professor: Mas o problema da ordem dele não era a falta de rigor. Ele podia dizer: “aqui tem uma ordem rigorosa, mas eu não sei como fazer as pessoas agüentarem esse rigor ou o melhorar o suficiente para viver esse rigor.” Um sujeito de índole mais ou menos semelhante a ele ou do grupo que se formava mais ou menos próximo a ele podia se tornar santo.

Aluno: Mas não era para qualquer um.

Professor: Mas não era para qualquer um! Até porque a ordem cresceu muito rápido.

Aluno: Mas talvez o problema não fosse de organização, mas de seleção.

Professor: De seleção na entrada e organização. Ele não sabia como instruir o outro a ficar santo. Só alguns tipos humanos muito específicos ele sabia instruir. Claro, se o sujeito tenta fazer algo e não consegue, isso é uma falha moral. Ele era perfeitamente consciente de que tinha essa falha moral e de que ia morrer com ela porque ele tentava todo dia superá-la e não conseguia. Não tem nenhum santo que falou da vida dele e que não mostrou isso aí: “tenho dois ou três defeitos e vou continuar tendo”. Quando o sujeito fez tudo que podia, a Graça compensa de modo super-abundante essa deficiência dele. A Ordem Franciscana gerou centenas de santos. Mas foi mais por efeito da Graça do que pela organização que São Francisco deu a ela. Já não aconteceu o mesmo com a ordem beneditina. São Bento organizou sua ordem de tal modo que a imensa maioria que entra na ordem beneditina vai melhorando, melhorando e melhorando. E ela tem uma estabilidade no decorrer dos séculos, como forma de organização da vida monástica, que a ordem franciscana

nunca teve. Se você pegar a história da ordem franciscana, é uma história de “altos e baixos”. Se você pegar a história da ordem beneditina, ela mantém uma constância. A capacidade de organização da vida religiosa era muito maior no São Bento que no São Francisco.

Quer dizer, a sua vontade tem um poder sobre o desejo, mas ela não tem um poder absoluto. Esse poder pode chegar a quase total, mas total ele não vai se tornar. Está claro isso aí? Não tem nenhum santo que não passou por isso.

Sempre existe também a possibilidade de distração. Em um determinado momento, você não lembra qual era o motivo para fazer alguma coisa e, aí, a vontade perde a força. Às vezes você está forçando para lembrar, mas na hora você não lembra.

Aluno: Faz tudo certo, mas não dá certo.

Professor: Mas isso não é uma deficiência da própria vontade.

Aluno: Mas é das circunstâncias externas.

Professor: Não dá pra confiar só na vontade. Às vezes se faz toda a avaliação que é possível para a situação, mas faltou uma informação crucial que era impossível obter. Isso não é imoral. E isso pode até gerar uma preocupação tremenda, pode até mudar a sua vida completamente. Por exemplo, houve o caso de um santo, que passou a se preocupar com a moral por causa disso, foi Santo Afonso de Ligório. Ele era advogado e antes de pegar qualquer caso, ele examinava tudo para saber se a defesa daquele lado era moral. Olhava tudo, tudo, tudo. Então ele só pegava um caso depois de olhar toda a situação, analisar todas as informações, e, aí, defendia o lado que ele achava bom. E chegou um caso lá, que ele examinou todos os documentos, todos os depoimentos, e concluiu a favor de um lado. Foi lá, defendeu a causa e arruinou o outro lado. Aí, alguns meses depois, chegou a ele um documento que invertia o significado de tudo o mais. Ele não foi imoral. Pelo contrário! Ele foi um dos santos mais morais que já existiu. . Certo? Mas esse desfecho foi muito estranho.

Aluno: Essa situação é muito comum nas “tragédias” da literatura e da arte.

Professor: É uma tragédia, mas não é imoral, não há imoralidade nenhuma nisso aí. Está claro isso aí?

CONCLUSÃO OU EPÍLOGO

Então, vamos ver se na próxima reunião, se vocês não tiverem nenhum outro tema para apresentar na hora, vamos começar a investigação sobre essa idéia de moral: quando um ato é moral ou imoral? O que é moral?

Aluno: Já superamos a animalidade, para chegar no humano!

[risos]

Aluno: Já saímos da ameoba e fomos para o PT!

[risos]

[Professor e alunos comentam sobre o envio do arquivo e da transcrição da aula ao professor Olavo. Em seguida, os alunos combinam a data da próxima aula, marcada para o dia do aniversário do professor Olavo de Carvalho, 29 de maio.]

-